

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE O NORDESTE NAS  
MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA E ALCYMAR MONTEIRO**

**EVERSON CARLOS DA SILVA**

**GUARABIRA-PB  
DEZEMBRO/2012**

# **UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE O NORDESTE NAS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA E ALCYMAR MONTEIRO**

**EVERSON CARLOS DA SILVA**

Monografia apresentada em cumprimento aos requisitos para obtenção de grau de graduado em licenciatura plena em História ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba-Campus III, sob a orientação do prof. Josemar Vieira.

GUARABIRA-PB  
DEZEMBRO/2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S587a Silva, Everson Carlos da

Uma análise dos discursos sobre o nordeste nas músicas de Luiz Gonzaga e Alcymar Monteiro / Everson Carlos da Silva. – Guarabira: UEPB, 2012.

47f.:il.; Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Esp. Josemar Vieira.

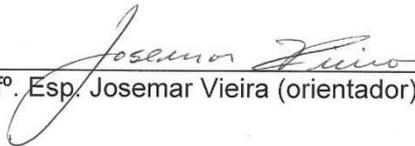
1. Discurso2. Luiz Gonzaga - Música  
3.Alcymar Monteiro - Música I. Título.

22.ed.CDD 401.41

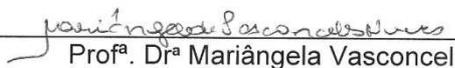
EVERSON CARLOS DA SILVA

UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE O NORDESTE NAS  
MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA E ALCYMAR MONTEIRO

COMISSÃO EXAMINADORA

  
Prof<sup>o</sup>. Esp. Josemar Vieira (orientador)

  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Mariângela Vasconcelos Nunes

Dezembro/ 2012

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por está permitindo a realização deste trabalho;

A meu pai, Antonio Carlos, pela educação e apoio dado ao longo da vida;

A minha mãe Ana Cristina pela confiança;

A minha madrasta, Valquiria Freitas, pelos conselhos;

A meus professores do ensino básico em nome da professora Ana Farias;

A meus professores da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, em nome do professor Carlos Alberto;

A meu orientador professor Josemar Vieira, pela sua dedicação e afinco;

A meus colegas de curso em nome de Manuel Miranda e Francijane Lima

A meu amigo de muitos anos Luciann Ataíde

“(...) Arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para *ouvir* música, mas também para *pensar* a música” (Marcos Napolitano)

## RESUMO

Desde o início dos tempos, o discurso vem sendo usado por grupos humanos diversos como instrumento de legitimação de poder e imposição de certos traços culturais, formando assim uma identidade endêmica. No Brasil, a partir das primeiras décadas do século XX, vemos um forte conflito de discursos entre a elite da região sudeste e a elite do nordeste, as quais estavam em momento de transição pelo controle econômico do país, a primeira estava em ascensão com as indústrias e outra em crise com o sistema canavieiro. Este texto acadêmico não trata dos discursos produzidos por essas elites através de seus meios de comunicação, mas sim de discursos confeccionados dentro da própria região nordeste; tendo como objeto de estudo canções escolhidas dos músicos Luiz Gonzaga e Alcimar Monteiro impregnadas de discursos regionalistas. Veremos que tais canções, ainda que produzidas por dois artistas nordestinos e com tema de nordeste, apresentam óticas deferentes sob o mesmo espaço. O trabalho baseou-se em pesquisa bibliográfica, história oral com entrevista a pessoas diversas.

**Palavras-chave:** discurso, regionalismo, nordeste, Luiz Gonzaga e Alcimar Monteiro.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo 1 - Conceitos e Teorias</b>	
1.1 Sobre História.....	11
1.2 Sobre Cultura.....	13
1.3 Sobre Música.....	15
<b>Capítulo 2 – Historiografia e Regionalismo</b>	
2.1 Espaço, Território e Região.....	17
2.2 Construção administrativa do Brasil.....	19
2.2.1 Polígono da Seca.....	23
2.3 Pequena análise sobre Luiz Gonzaga.....	24
2.4 Pequena análise Alcymar Monteiro.....	25
<b>Capítulo 3 – O Nordeste de Luiz Gonzaga e Alcymar Monteiro</b>	
3.1 Nordeste em “Súplica Cearense” (Luiz Gonzaga).....	27
3.2 O apelo em “Vozes da seca” (Luiz Gonzaga).....	28
3.3 Os nordestinos em “Asa Branca”(Luiz Gonzaga).....	29
3.4 O homem nordestino em “Cavaleiro Alado” (Alcymar Monteiro).....	30
3.5 O ritmo nordestino em “Festrilha”(Alcymar Monteiro).....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
ENTREVISTA 1 a 5.....	33
ANEXO I: Súplica Cearense(letra da canção).....	39
ANEXO II: Vozes da Seca(letra da canção).....	40
ANEXO III: Asa Branca (letra da canção).....	41
ANEXO IV: Cavaleiro Alado(letra da canção).....	42
ANEXO V: Festrilhas(letra da canção).....	43
ANEXO VI: Luiz Gonzaga (foto 1) e Alcymar Monteiro (foto 2).....	44
REFERÊNCIA.....	46

## INTRODUÇÃO

No ano de 2007, cursando o segundo ano do curso de licenciatura plena em história, comecei a me questionar: o que eu vou pesquisar para desenvolver a minha monografia. Várias idéias passaram pela cabeça, mas nenhuma vingou. Nesse mesmo ano folheando um determinado livro li a frase “(...) Arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para *ouvir* música, mas também para *pensar* a música” de Marcos Napolitano. Eu como apreciador da música e estudioso em musica instrumental pensei o que é *pensar a música* nos termos de Napolitano e fui percebendo que as músicas não são feitas apenas de notas, acordes ou melodias, ou para apenas ser ouvidas, fui vendo e ouvindo que as músicas também são compostas de ideologias e discursos, e que os termos de Napolitano são de historiador. A partir de então defini que minha monografia seria sobre música.

Surgiram novas questões. Que tipo (gênero) de música? Rock, pop, pagode, samba, forró, baião? Que tema? Corrupção, ditadura militar no Brasil, movimentos sociais, mulher, de protesto? Base teórica? Linha de pesquisa? Orientador. Banca examinadora? Aos poucos fui mim decidindo. As disciplinas de Historiografia e a de Construção da História Regional e Local foram essências para o prosseguimento do trabalho. Elas mostraram assim como as outras disciplinas, mas de forma mais crítica e forte a importância da História. Mostraram que os discursos e os fatos são costurados de acordo com os interesses do que os fazem e que os elementos culturais e lugar social são fundamentos importantíssimos. Existindo vários meios de propagação desses discursos, em nosso caso a música.

Decidimos fazer esses estudos dentro do gênero do forró, mais precisamente nas canções de Alcymar Monteiro, analisando as letras de suas músicas, os discursos sobre a região Nordeste nelas enraizadas, região Nordeste porque é nela (em nossa ótica de estudo) que são construídos e reconstruídos os discursos políticos-econômicos-sociais sobre a região, porém logo depois vimos que seria interessante não apenas analisar essas músicas, mas fazer uma análise com outras músicas de outro compositor/cantor que apresentasse discursos sobre o Nordeste diferentes dos de Alcymar Monteiro. Concluímos que seria de grande valor trabalhar também com o “rei” do Baião – Luiz Gonzaga. Selecionamos as seguintes canções para o estudo: Súplica Cearense; Vozes da seca; Asa branca de Luiz Gonzaga; Festrilhas e Cavaleiro Alado de Alcymar Monteiro. Deste modo desenvolvemos este trabalho na análise sobre os discursos sobre a região Nordeste encontrados nas músicas de Alcymar Monteiro e Luiz Gonzaga. Tais discursos estão relacionados à outra prática discursiva, o Regionalismo.

. Entendemos que existem vários discursos regionalistas nordestinos dentro do próprio nordeste, é o que veremos nesta produção acadêmica, sobre Gonzaga e de Monteiro. Nós apresentamos uma “nova” proposta: a de analisar o nordeste no viés cultural, mais precisamente na música, no baião de Gonzaga e no forró de Monteiro. O cultural e regional é nossa base, o político e o econômico não fica de fora de nossos estudos, apenas trocamos as posições

colocando a política e a economia em segundo plano. Olhamos aquilo que está atrás das cortinas do teatro, do palco.

# CAPÍTULO 1 - CONCEITOS E TEORIAS

## 1.1 SOBRE HISTÓRIA

Para compararmos o nordeste na música de Luiz Gonzaga e Alcymar Monteiro, considerando o homem nordestino, seus hábitos, festas e crenças, numa visão historiográfica, requer de nós uma compreensão da própria história como ciência. A história cultural, compreendendo também a Regional, é nossa base de estudo que abrange um complexo de elementos culturais e regional.

Cláudio Vicentino diz sobre a história (1995, p. 7) :

A História é uma ciência que estuda o passado das sociedades humanas, buscando resgatar e compreender suas realizações econômicas, sociais, políticas e culturais. O estudo do passado humano permite-nos conhecer as motivações e os efeitos das transformações pelas quais passou a humanidade e fornece elementos que ajudam a explicar as sociedades atuais.

Cláudio Vicentino é autor de livros didáticos de história, esta citação foi muito ouvida por mim (peço licença para usar a primeira pessoa do singular) quando cursava a 5ª série (atual 6º ano) do ensino fundamental, no livro “História Integrada: da Pré-história à Idade Média” (1998, 3º ed). Eu e meus colegas de turma decoramos este trecho para nos sairmos bem na prova, certamente não sabíamos que existia outras definições sobre a história. Agora analisando percebemos que ela mostra áreas de estudo como a economia, social, política e cultural. Porém numa visão mais profunda do livro didático vemos que os conteúdos são abordados, por Vicentino, numa ótica mais política e econômica do que social e cultural, nesses moldes ele e muitos professores de história explicavam as transformações da humanidade no tempo.

Certamente se em nosso tempo de ensino básico fôssemos fazer um trabalho sobre o nordeste, iríamos fazê-lo em termos políticos e econômicos. E é aqui que propomos um modo diferente de ver o nordeste. Éolharmos culturalmente, historicizando seus personagens populares, festas juninas, suas crenças e seus problemas sociais e não apenas os “grandes homens e heróis” que fizeram e se incluíram na história( política e econômica).

Vamos problematizar a construção do Nordeste nas músicas de Luiz Gonzaga eAlcymar Monteiro, utilizando a história cultural e regional, deixando como suporte a história econômica e política.

É sabido, entre nós historiadores, que existem várias definições sobre a História como a de Marc Bloch que diz que a História (como ciência) estuda os homens no tempo e no espaço. O próprio Bloch fala do perigo de conceituar as coisas, já que uma definição dada hoje a um objeto, amanhã, talvez, não

servirá mais, já que a mudança do objeto é constante. Estudamos os conceitos atentando para o alerta de Bloch, nos fundamentando em teoria.

Na segunda metade do século XIX Charles Darwin publica “A origem das espécies” obra que, entre outras importantes, concretiza as teorias e bases das ciências naturais, dando mais cientificidade para a biologia e física, por exemplo. As ideias contidas naquilo que ele chamou de seleção natural, resultados de várias viagens e observações de Darwin foi a grande força motriz para as ciências naturais, e continua sendo a base de tais ciências, mesmo sendo questionadas até hoje.

Mas Charles Darwin com “A origem das espécies” não foram as únicas novidades do século XIX em termos científicos. Foi nesse século que a História, de Heródoto da Grécia Clássica, ganha o título de ciência. Num momento em que os Estados Modernos da Europa buscam formas de solidificar seu sistema de governo e se propagarem no poder. Historiadores e pesquisadores, ligados ao Estado, colaboram com esse propósito. Escreveram as histórias de acordo com os seus interesses. Mas para isso tornou a História um estudo com teoria e metodologia; conseguiu dar cientificidade para ela. A história torna-se ciência, no momento de profundas mudanças na Europa, na política e nos estudos da natureza e do homem. Assim surge a ciência histórica e sua primeira escola teórica, a Escola Metódica. Que seguia um estudo cronológico dos fatos, dos grandes homens (da Europa), a valorização e veracidade do documento escrito e autorizado pelo Estado. Os principais pensadores da Escola dos Metódicos, foram os franceses.

Os metódicos, assim como Charles Darwin nas ciências naturais, foram importantíssimos para a cientificidade da História, porém não tínhamos espaços dentro dos metódicos para estudar e escrever sobre o nosso objeto de estudo.

Já na década de 20 do século XX, outro grupo de historiadores que vivenciavam uma crise econômica-social na Europa (sendo consequência da primeira guerra mundial, tendo como grande estopim da crise em 1929) questionam a metodologia e teorias da Escola dos Metódicos. Eles propõem um novo modo de se estudar e escrever a história. No calor da crise econômica e social, esse novo grupo se dedica a analisar a sociedade justamente nos principais elementos em questão, não olham mais apenas para a história política ou do Estado, mas também a história econômica e social. Esse grupo com uma nova linha de pesquisa funda a escola do *Analle* em 1929, tendo como seu principal intelectual o historiador Marc Bloch. Nesse momento os elementos do estudo históricos se alargam, como as multinacionais fábricas que substituíam os homens -que estavam na guerra, as dificuldades econômicas e sociais. Seu principal meio de transmissão de suas pesquisas foi a Revista *Analleseconomiqueetsociale*. Mesmo com o alargamento dos objetos de estudo dessa Escola, ainda não podemos tomá-la como base para nosso trabalho.

### 1.1.2.HISTÓRIA CULTURAL

Várias escolas teóricas da história foram desenvolvidas a partir de então, porém não vamos destacá-las, para não esticarmos o assunto. Por volta dos anos de 1960 surge uma escola que nos oferece uma metodologia que nos

baseia em nosso trabalho, a Escola Cultural, que cria um leque de possibilidades de objetos de estudos, num momento em que vários movimentos questionam a ordem estabelecida na sociedade ocidental, como a guerra do Vietnã, em que os *hippes*, milhares de jovens dos Estados Unidos da América, que pregam a saída das tropas norte-americanas do Vietnã, promovendo o amor e a paz, elementos em desuso nesses dias. O Feminismo ganha espaço, mulheres no mundo ocidental lutam por seus direitos. Estudantes da França criticam e se rebelam contra conservadorismo das universidades francesas, entre vários outros movimentos que mudaram muitos costumes da sociedade.

E neste contexto que é desenvolvida a história cultural, onde os historiadores passaram a estudar, por exemplo, o modo de se vestir das pessoas, que passavam por transformações consideradas radicais, como o uso da calça *jeans* e de cabelos longos dos homens e biquines entre as mulheres. É notável essas mudanças também na música. A sociedade muda, conceitos são reconstruídos, pensamentos são reformulados seguindo as transformações dos homens no tempo. Assim acontece com as metodologias do estudo da história, o historiador vai alargando suas possibilidades de estudos e seus critérios, alguns desses métodos sobrevivem às transformações da sociedade e da ciência, assim com as ideias de Darwin (ciências naturais) e os metódicos que ainda se preservam nos livros didáticos do ensino básico.

## 1.2 SOBRE CULTURA

Utilizamos a história cultural e regional no estudo, por isso também é necessário analisarmos alguns aspectos da Cultura, já que nossos compositores escreveram e cantaram suas canções em espaços impregnados de cultura.

A primeira definição de cultura surgiu em 1871 com o antropólogo Edward Tylor em sua obra *Primitive Culture*. Ele escreveu seu livro na época, do já citado, *Origens das espécies* de Charles Darwin, a grande preocupação de Tylor era mostrar não a diversidade cultural, mas a igualdade da humanidade.

Laraia, Roque (pag. 32-33, 2008) diz que :

Mais do que preocupado com a diversidade cultural, Tylor a seu modo preocupa-se com a igualdade existente na humanidade. A diversidade é explicada por ele como o resultado da desigualdade de estágios existente no processo de evolução.

Edward Tylor aproxima sua ideia de cultura mais para as ciências naturais do que para às ciências sociais. Hoje sabemos e acreditamos que a diversidade cultural não classifica uma etnia como superior a outra, mas mostra que existem várias culturas de diversos povos e que apesar de diferentes não são superiores ou inferiores umas a outras, mas cada uma tem suas

especificidades. O antropólogo Frans Boas foi um dos idealizadores deste nosso pensamento, contrário ao de Tylor.

Já para o antropólogo Claude Lévi-Strauss a cultura é um sistema simbólico de uma determinada sociedade que está relacionada à mente humana.

Laraia, Roque (pag. 61) continua:

(...) considera cultura como sistemas estruturais, ou seja, a perspectiva desenvolvida por Claude Lévi-Strauss, 'que define cultura como um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana. O seu trabalho tem sido o de descobrir na estruturação dos domínios culturais – mito, arte, parentesco e linguagem – **os princípios da mente que geram essas elaborações culturais** (grifo nosso) (...).

Tanto Tylor como Lévi-Strauss tratam a cultura como uma manifestação da natureza humana, cada com sua particularidade. Lévi-Strauss, que fez vários estudos de análise de mitos, linguagens e crenças, inclusive viveu e pesquisou no Brasil alguns anos, defendia que se deve fazer uma análise complexa de uma comunidade comparando-as com outras comunidades. O que a certo ponto cria um sentimento de que uma comunidade e sua cultura podem ser melhor ou pior do que outra.

Já Franz Boas diz que cultura pode ser entendida como um conjunto de crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e identificam uma sociedade, onde ele reforça que não há superioridade ou inferioridade entre as culturas das nações ou regionais. O que existe são discursos que são construídos pelos diversos grupos culturais, sejam por motivos políticos, econômicos, sociais, enfim dentro de uma esfera cheia de interesses.

Esses diferentes discursos tem seu ápice no que os estudiosos denominam como Etnocentrismo.

Ruth Benedict afirma (in Laraia) :

O crisântemo e a espada” que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas (...).

É como se um nordestino afirmasse que o forró é o ritmo nacional e não o samba, ou como se um brasileiro dissesse que o Brasil é um país melhor do que a Argentina, por exemplo. E etnocentrismo é justamente isso, a idéia de que a cultura onde determinado indivíduo está inserido seja a melhor do que as outras. O próprio nome reforça esse pensamento, etno vem de etnia ( e sua cultura) e centrismo de centro, uma determinada cultura dita como superior no centro das discursões.

Franz Boas, no início do século XIX desenvolve um pensamento científico-político-social-antropólogo, que mexeu com as estruturas teóricas e

metodológicas de algumas ciências sociais, mas que só ganha força depois da morte de Boas no ano de 1942, justamente no período da Segunda Guerra Mundial onde o Nazismo pregava a superioridade da cultura Ariana. A ideologia desenvolvida a partir do pensamento de Boas se opõe ao Etnocentrismo, dizendo que cada cultura é diferente da outra mas nunca superior ou inferior, e os estudos devem focar unicamente aquela comunidade e sua cultura sem fazer comparações, em 1948 esse pensamento de Boas passou a ser uma forte ideologia chamada de Relativismo Cultural.

### 1.3 SOBRE MÚSICA

A música é uma das manifestações artísticas mais antigas da humanidade, confundindo-se com o próprio surgimento do Homem.

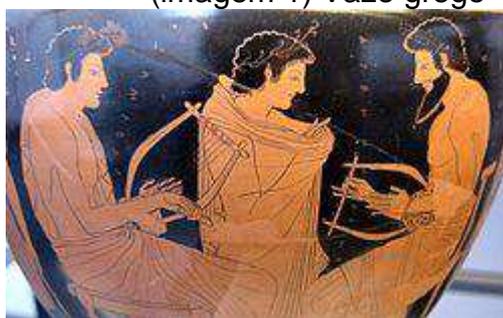
Para ROY BENNETT em **Uma breve história da música** (1986) :

A música existe e sempre existiu como produção cultural, pois de acordo com estudos científicos, desde que o ser humano começou a se organizar em tribos primitivas pela África, a música era parte integrante do cotidiano dessas pessoas. Acredita-se que a música tenha surgido há 50.000 anos, onde as primeiras manifestações tenham sido feitas no continente africano, expandindo-se pelo mundo com o dispersar da espécie humana pelo planeta.

O ato de cantar e produzir sons surgiu provavelmente no continente africano, espalhando-se para as diversas sociedades no espaço e no tempo.

Na Grécia clássica a música passou a ser estudada de uma forma metódica, com teorias e técnicas. A imagem abaixo pintada em vaso representa os gregos estudando a música.

(imagem 1) Vazo grego



(fonte: Wikipédia em 5 de novembro 2012)

Existem vários conceitos sobre música. Para César Coll e Ana Teberosky, no livro *Aprendendo Arte*, música é uma forma de arte que se constitui basicamente em combinar sons e silêncio seguindo uma pré-organização ao longo do tempo.

Roy Bennett continua explicando:

A música, ao ser produzida e/ou reproduzida, é influenciada diretamente pela organização sociocultural e econômica local, contando ainda com as características climáticas e o acesso tecnológico que envolvem toda a relação com a linguagem musical. A música possui a capacidade estética de traduzir os sentimentos, atitudes e valores culturais de um povo ou nação. A música é uma linguagem local e global.

A música é fruto de um lugar social, de uma filosofia de mundo do compositor. Representa características próprias de um povo, tornando-se tanto em um discurso local como global.

No século XX, foram desenvolvidos vários gêneros musicais, como exemplos próximos: o rock, o pop, o samba e forró, estes dois últimos são impregnados na cultura Brasileira, representantes oficiais da nossa música. Alguns outros gêneros destacaram-se no Brasil, como a tropicália que tinha como objetivo a crítica ao regime militar; e a bossa nova.

## CAPÍTULO 2 – HISTORIOGRAFIA E REGIONALISMO

### 2.1 ESPAÇO, TERRITÓRIO E REGIÃO

Não poderíamos desenvolver o nosso objeto de estudo sem analisar os significados de Espaço, Território e Região, uma vez que entender o nordeste que propomos estudar, o das canções de Luiz Gonzaga e Alcymar Monteiro, passa pela complexidade espacial. Reforçando o pensamento de Marc Bloch de que a História é a ciência que estuda os homens no espaço.

É importante ressaltar que existem várias explicações e significados para vocábulos em questão, assim trabalharemos com alguns deles. Escolhemos a Geografia para nos auxiliar, já que a interdisciplinaridade entre história e geografia se fortalece em se tratando de Espaço.

O Espaço na contemporaneidade é bastante adjetivado como espaço sideral, imaginário, virtual e social. Mas o que desenvolveremos aqui, inicialmente, é o espaço natural.

Para José D'Assunção Barros o espaço é o que se confunde com o natural, ou seja, o que não é feito pelo homem, em outras palavras, é o conjunto de árvores, rios, montanhas por exemplo.

O ser humano com a sua necessidade de recursos naturais e com o “seu desenvolvimento” passou a demarcar o espaço natural.

Rousseau ensina em A origem da desigualdade entre os homens (p, 61) :

O primeiro que, cercando um terreno, se lembrou de dizer: *‘Isto é meu’* e encontrou pessoas bastante simples para acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassinatos, misérias e horrores teriam sido poupados ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tampando o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: *‘Não escutem esse impostor! Vocês estarão perdidos se esquecerem que os frutos são de todos e que a terra não é de ninguém,*

Jacques Rousseau acredita que a partir do momento que um indivíduo cercou um determinado espaço natural também estava criando a primeira organização social civil, originando a desigualdade humana. Ele também acreditava que Homem era bom por natureza, o “Bom Selvagem”. Ninguém gritou *“não escutem esse impostor”*, como sugeriu Rousseau.

Nesta ótica surgiu um novo conceito, o de território. Em termos simples o espaço delimitado, demarcado e dominado.

Raffestin explica em Por uma Geografia do Poder (p. 143)

Local de possibilidade, [o espaço] é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar.

Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço.

O geógrafo Claude Raffestin deixa claro que Espaço e Território são diferentes, o primeiro existe por si só, por natureza; já o segundo é uma produção feita do Espaço por um determinado indivíduo.

Criar um território é demarcar um espaço de poder. A demarcação pode ser feita pelo homem ou por qualquer outro animal. Por exemplo, o lobo que “marca o seu território” com a sua urina cria para si uma representação do espaço que o redefine como extensão de terra sob o seu controle e de defesa para os membros de seu grupo, uma forma de sobreviver.

Em *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras de lugar* (p. 7) Muniz diz:

Como muitos outros animais, o homem se caracterizou, desde cedo, por gregário, vivendo em grupos ou bandos, talvez por sua própria fragilidade em relação a outros concorrentes e por ser um animal **territorial por demarcar e defender territórios** (grifo nosso), ou seja, desde cedo, mesmo praticando o nomadismo, os grupos humanos se caracterizaram por demarcar fronteiras, **por estabelecer uma área sobre a qual buscavam exercer o domínio, controle, a exclusividade na exploração de recursos naturais** (grifo nosso).

Para Durval Muniz o interesse do homem em criar território vem com a necessidade de dominar os recursos naturais daquele local perante outro grupo de pessoas. Por recursos naturais podemos entender como elementos como a água e frutas das árvores.

Com o desenrolar do processo histórico o homem passou a usar o seu território não apenas para sobreviver dos recursos naturais, mas pra produzir e gerar riquezas. Gerando conflitos e guerras.

Mas como o homem garantia inicialmente a posse da terra?

Certeau ensina em *Escrita da história*:

(...) nomear é umas das primeiras formas que o homem desenvolveu de demarcar e tomar posse de um território, de dominá-lo, de colonizá-lo. Nomear é dá sentido, é também demarcar diferenças em relação aos territórios vizinhos, é estabelecer fronteiras.

Não basta apenas demarcar o espaço, criar território. É preciso também nomeá-los. Dá nome ao território. Por exemplo, os portugueses quando chegaram no atual Brasil o chamaram de Terra de Santa Cruz e depois de Ilha de Vera Cruz.

Por último temos o conceito de Região. Este se confunde com o de território, mas não são idênticos.

Barros discursa em *Revista de História Regional* (2005, p. 99)

Posso estabelecer critérios econômicos – relativos à produção, circulação ou consumo – para definir uma região ou dividir uma espacialidade mais vasta em diversas regiões. Posso preferir critérios culturais – considerar uma região lingüística, ou um território sobre o qual são perceptíveis certas práticas culturais que o singularizam, certos modos de vida e padrões de comportamento nas pessoas que o habitam. Posso me orientar por critérios geológicos – e estabelecer em um espaço mais vasto as divisões que referem aos tipos minerais e solos que predominam em uma área ou outra – ou posso ainda considerar zonas climáticas.

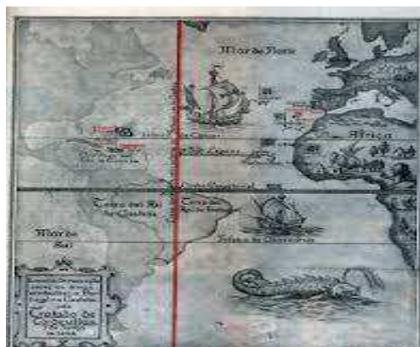
Como vimos o território é o espaço ocupado e dominado pelo homem. E a região seria o território com características mais complexas, baseadas nas relações humanas. Havendo vários critérios de definição, como os aspectos econômicos, culturais, geológicos, climáticos e outros. Para Durval Muniz, região é o território organizado e dividido administrativamente.

## 2.2. CONSTRUÇÃO ADMINISTRATIVA DO BRASIL

No século XV, as principais potências econômicas eram Espanha e Portugal, com a chegada de Colombo ao atual continente americano, os dois Estados resolveram dividir as terras com uma linha imaginária. Esse ato foi chamado de Tratado de Tordesilhas. Esse tratado definia como linha de demarcação o meridiano 370 léguas a oeste da Ilha de Santo Antão no arquipélago de Cabo Verde. Esta linha estava situada a meio-caminho entre estas ilhas (então Portuguesas) e as Ilhas Caraíbas “achadas” por Colombo.

Desse modo a divisão ficou de acordo com o mostrado no mapa 1. No qual a linha em vermelho representa a Linha de Tordesilha. As terras a leste da Linha seriam de Portugal e a oeste dos Espanhóis. Por esse tratado quer se beneficiou a Espanha, já que a maior parte das terras estava a oeste da Linha.

(mapa 1) Tratado de Tordesilha

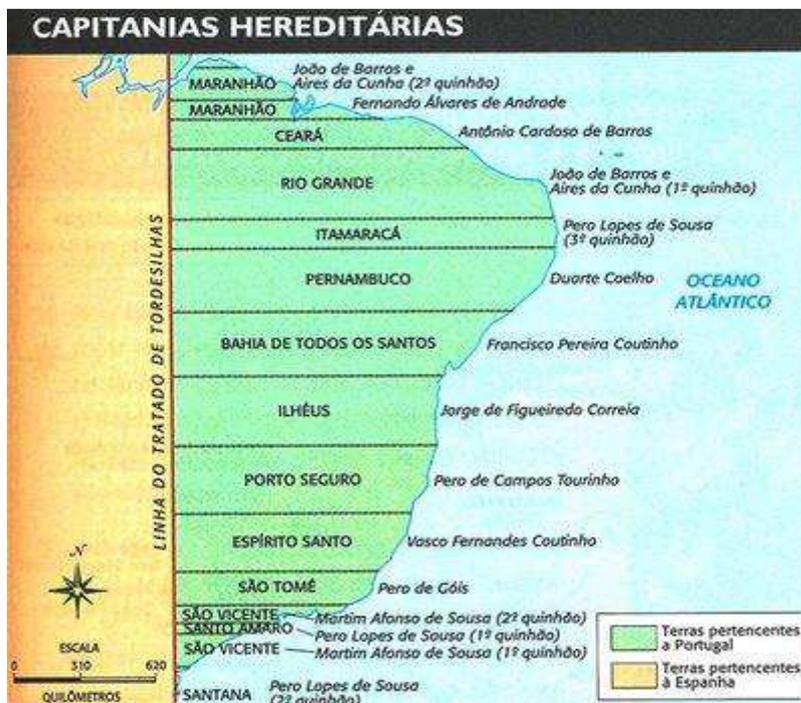


Vemos pelo mapa 1 que de acordo com o tratado, as terras “achadas” pelos portugueses em 1500 compreendia apenas um terço do atual território brasileiro.

Até o fim do século XV, o nosso território era habitado pelos nativos, com seu modo de vida e organização, sem interferência dos europeus. Porém a partir dos anos de 1500, essa realidade começou a ser mudada. Os portugueses inicialmente estavam preocupados apenas em explorar o pau-brasil. Mas com as sucessivas invasões estrangeiras, como os franceses e espanhóis, os lusitanos resolveram dividir o território brasileiro e povoá-los, para facilitar a proteção do território e desenvolver atividades econômicas lucrativas, como a cana de açúcar.

Com esse objetivo foi criada em 1534 o Sistema de Capitânicas Hereditárias (mapa 2) . O qual dividia o território português na América em 15 grandes lotes de terras, do litoral à Linha de Tordesilhas. Esses lotes foram entregues para serem administrados a 12 proprietários portugueses. Muitas terras para poucos donos. A posse era hereditária, ou seja, passava de pais para filho.

(mapa 2)



(wikipedia em 6 de novembro de 2012)

Neste mapa o território pertencente a Portugal está em verde e em laranja as terras da Espanha.

As dificuldades e problemas desse sistema (apenas duas capitânicas obtiveram sucesso), como faltas de recursos dos donatários, revoltas dos

povos indígenas, isolamento das capitanias e dificuldades na lavoura, fizeram que a coroa portuguesas organizasse outro modo de administrar o Brasil.

Desse modo foi criado o Governo-Geral, com capital em Salvador, em 1548, com o objetivo de ajudar administrativamente o Sistema de Capitanias. Essa estrutura durou até 1759, quando as capitanias foram abolidas, passando o território brasileiro a ser efetivamente administrado pelos representantes da Coroa portuguesas não mais por particulares

Nesse momento o território foi administrado entre dois governos, o do Norte (com sede em Salvador) e o do Sul ( com sede no Rio de Janeiro)

(mapa 3)



O mapa 3 na página anterior mostra a divisão administrativa do território na segunda metade século XVI, dividido em Norte (denominado Estado do Maranhão) e em Sul (chamado Estado do Brasil).

(Mapa 4)



No início do século XVIII o Brasil estava dividido em províncias, como a do Grão-Pará e de Pernambuco. Destacamos que na divisão territorial no mapa 3 e no mapa 4, a administração era organizada na base das capitanias (desfiguradas territorialmente) e no Governo-Geral.

Observamos também que o território não é mais limitado pelo Tratado de Tordesilha, que era constantemente violado. As bandeiras, expedições que procuravam índios e escravos fugidos - assim como a possibilidade de acharem as tão desejadas minas de ouro - foram as principais responsáveis pelo aumento do território brasileiro, já que ela ultrapassava a linha de Tordesilhas, conquistando assim “novos” espaços.

Em 1750 foi assinado um tratado entre Espanha e Portugal, que determinava que as terras seriam daquele que “primeiro chegasse” nela,. Era o Tratado de Madri. Pondo fim ao sempre desrespeitado Tratado de Tordesilha. O Tratado de Madri se baseava nos rios e montanhas para demarcação de territórios. Tal tratado foi importantíssimo para a atual configuração territorial brasileiro.

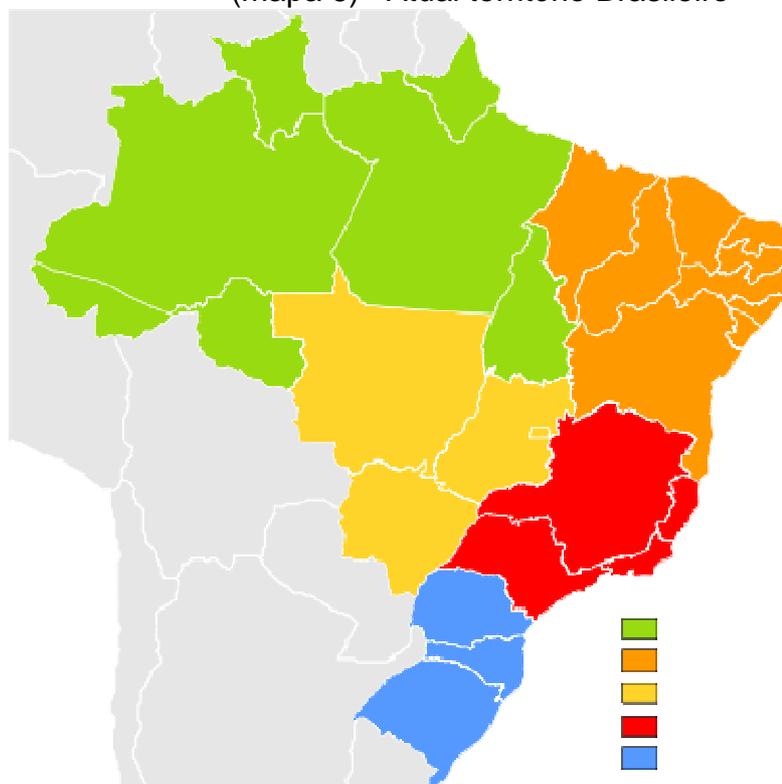
Com o advento da República em 1889, o território foi dividido em unidades federativas, chamados de estados, possuindo 20 unidades federativas e um distrito federal – situado no Rio de Janeiro, como mostra o mapa 5.

(mapa 5)



Já o mapa 6 mostra o atual território brasileiro, com vinte e seis estados e Brasília como distrito federal. Em relação á divisão no início da república vemos que houve incorporação de território, o atual estado do Acre, e a criação de estados como o Tocantins e Rondônia.

(mapa 6) Atual território Brasileiro



(Wikipedia em 6 de novembro de 2012)

Este mapa também mostra as divisões em regiões administrativas, a saber: Sul em azul, Sudeste em vermelho, Nordeste em laranja, Norte em verde e Centro-Oeste em amarelo.

Nos aprofundamos na região Nordeste, encontramos nove estados, são eles: Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão.

### 2.2.1 Polígono da Seca

De acordo com dados do Ministério da Integração, o Polígono da Seca abrange toda a região Nordeste, exceto o estado do Maranhão, e incluído Minas Gerais. O Polígono das Secas foi criado por lei, de 7 de janeiro de 1936, e posteriormente teve complementado o seu traçado pelo Decreto-Lei nº 9.857, de 13 de setembro de 1946. Pela Constituição de 1946, Art. 198, Parágrafos 1º e 2º, foi regulamentada e disciplinada a execução de um plano de defesa contra os efeitos da denominada seca do Nordeste. Tal legislação defina “o Polígono da Seca é uma região sujeita a estiagens por períodos extensos de tempo.”

## Polígono da seca (mapa 7)



Fonte: Brasil (2005).

Figura 1

Nova abrangência da região semi-árida e subúmida seca do Nordeste do Brasil.

O mapa 7 mostra a demarcação do Polígono (em laranja), abrangendo praticamente toda a região nordeste, e o norte de Minas Gerais. Compreendendo cerca de 1132 municípios, com uma área de aproximadamente 969.589,4 quilômetros quadrados, dados de acordo com o Ministério da Integração.

O governo federal, com o então presidente Juscelino Kubistchek, criou a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, tendo com principal objetivo o combate à seca, objetivo este não alcançado até hoje. Será por causa da cruel estiagem ou pelo descaso do poder público, pela falta d'água ou má distribuição dela? Não entraremos no âmago dessas questões, nos limitaremos aos discursos nas canções de Luiz Gonzaga e Alcymar Monteiro.

### 2.3. PEQUENA ANÁLISE SOBRE LUIZ GONZAGA

Luiz Gonzaga diz:

Meu nome é Luiz Gonzaga, não sei se sou fraco ou forte,  
só sei que graças a Deus té pra nascê tive sorte,  
após nasci im Pernambuco, o famoso Leão do Norte.  
Nas terras do novo Exu, da Fazenda Caiçara, im novecentos  
e doze, viu o mundo minha cara. Dia de Santa Luzia,  
purisso é qui sô Luiz, no mês qui Cristo nasceu, purisso  
é que sô feliz.

Luiz Gonzaga nasceu em 13 de dezembro de 1912, na Fazenda Caiçara, município de Exu, estado de Pernambuco. Filho de Januário José dos Santos e Ana Batista de Jesustinha oito irmãos.

A sua carreira musical desenvolveu-se na região sudeste, onde viveu a maior parte de sua vida, ele cantou o nordeste com uma diversidade de temas, mas destacando-se nos temas da seca e das injustiças sociais e regionais.

Tocava muito bem gaita, mas seu principal instrumento era a sanfona. Na foto 1 no anexo VI, fica clara qual era seu estilo de se vestir, roupas e chapéu de couros, roupas típicas de vaqueiros do sertão, as quais os protegião dos espinhos dos cactos e mandacarus.

Em 2012, Luiz Gonzaga foi tema do carnaval da GRES Unidos da Tijuca, com o enredo "O dia em que toda a realeza desembarcou na avenida para coroar o Rei Luiz do Sertão", fazendo com que a escola ganhasse o carnaval deste respectivo ano.

Escreve Ana Krepp em matéria para a *Revista da Cultura*:

O rei do baião pode ser também considerado o primeiro rei do pop no Brasil. Pop, aqui, empregado em seu sentido original: o de popular. De 1946 a 1955, foi o artista que mais vendeu discos no Brasil, somando quase 200 gravados. 'Comparo Gonzagão a Michael Jackson. Ele desenhava as próprias roupas e inventava os passos que fazia no palco com os músicos

Canções como *o xote das meninas* (1953) e *A dança da moda* (1950) ambas em parceria com Zé Dantas, além das estudadas aqui e de outras, tornaram Luiz Gonzaga um dos principais músicos do Brasil.

Luiz Gonzaga morreu com uma parada cardiorrespiratória no dia 2 de agosto de 1989 no hospital Santa Joana em Recife, deixando um grande legado musical.

## 2.4 PEQUENA ANÁLISE SOBRE ALCYMAR MONTEIRO

Alcymar Monteiro nasceu no dia 13 de fevereiro de 1953, na cidade de Aurora Ceará, estudou em Fortaleza, é formada em Letras. Vive atualmente em Recife, onde desenvolveu a maior parte do seu trabalho musical.

É considerado um dos grandes intérpretes da música nordestina, mais especificamente do Forró tradicional, sendo conhecido como o *Rei do Forró*.

“Pesquisador dos ritmos nordestinos, Alcymar faz um trabalho versátil sem perder o foco na autêntica música nordestina. Em mais de três décadas de carreira já teve suas músicas gravadas por grandes nomes da MPB como Zé Ramalho e Alceu Valença. Já fez duetos com Luiz Gonzaga, Dominginhos Elba Ramalho e Marinês “([pt.wikipedia.org/wiki/Alcymar\\_Monteiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcymar_Monteiro))

Alcymaré um estudioso e pesquisador em ritmos nordestinos, fica clara em suas apresentações que ele valoriza o forró pé de serra. Costuma apresentar-se de chapéu e roupas brancas (ver foto 2 anexo VI).

## CAPÍTULO 3 – O NORDESTE DE LUIZ GONZAGA E DE ALCYMAR MONTEIRO

### 3.1. NORDESTE EM “SÚPLICA CEARENSE” (LUIZ GONZAGA)

“Súplica Cearense” representa o local mais atingido pela seca, no caso o sertão cearense. Foi composta em 1960 por Waldeck Artur de Macedo e Nelinho, mas a canção consagrou-se na voz de Luiz Gonzaga

Oh! Deus, perdoe este pobre coitado  
Que de joelhos rezou um bocado  
Pedindo pra chuva cair sem parar  
Oh! Deus, será que o senhor se zangou  
E só por isso o sol arretirou  
Fazendo cair toda a chuva que há  
Senhor, eu pedi para o sol se esconder um  
tiquinho  
Pedir pra chover, mas chover de mansinho  
Pra ver se nascia uma planta no chão  
(três primeiras estrofes da canção)

Esta canção mostra a condição de sofrimento do nordestino provocada pela seca, destacando a crença e o temor em Deus para amenizar tal situação. Para a entrevistada Clarice Targino essas três estrofes “*tá falando do apego dele a Deus, pedindo perdão e ajuda a Deus pra enfrentar a seca*”.

No entendimento da entrevistada Zélia Maria a canção mostra uma condição de determinação divina, citando o trecho “*Oh! Deus será que o senhor se zangou, E só por isso o sol arretirou, Fazendo cair toda a chuva que há*”.

Veremos que em “vozes da seca” o apelo não é ao divino e sim ao poder público para a solução da seca

O último verso da terceira estrofe destaca o pedido para Deus permitir o nascimento de vegetação.

Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me  
perdoe,  
Eu acho que a culpa foi  
Desse pobre que nem sabe fazer oração  
Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de  
água  
E ter-lhe pedido cheinho de mágoa  
Pro sol inclemente se arretirar  
Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inferno  
Desculpe eu pedir para acabar com o inferno  
Que sempre queimou o meu Ceará

As três últimas estrofes confirmam a crença a Deus do nordestino da música de Luiz Gonzaga. Os dois últimos versos da canção compara a seca ao inferno que não para de queimar a terra.

Há relatos que em uma determinada noite Luiz Gonzaga estava fazendo um show no interior do Ceará, onde a mais de dois anos não chovia, e logo depois de cantar a “Súplica Cearense” caiu sob a terra uma forte chuva. Verdade ou não, o fato é que essa canção é umas das mais famosas do rei do baião, foi regravada recentemente pelo grupo de O Rappa.

O entrevistado Felipe Castro diz que conhece a canção através do grupo o Rappa, ele diz “música mostra a relação do individuo a Deus, mas a meu ver o descaso vem do Poder Público e não do Divino”. O mesmo falou a entrevistada Zélia Maria.

### 3.2.O APELO EM “VOZES DA SECA”

Composição feita em 1953 por Zé Dantas e Luiz Gonzaga.

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão  
 Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão  
 Mas doutô uma esmola a um homem qui é são  
 Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão  
 É por isso que pidimo proteção a vosmicê  
 Home purnóisescuído para as rédias do pudê  
 Pois doutô dos vinte estado temos oito sem  
 chovê  
 Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê

Nesta canção Luiz Gonzaga usa uma linguagem coloquial de parte dos nordestinos, palavras como doutô, home e cumê referindo-se a doutor, homem e comer respectivamente.

No inicio da canção vemos a relação de ajuda do sul para a seca nordestina. Destaca que o povo nordestino são cidadãos que escolhem seus representantes políticos, desse modo têm direito à ajuda. Luiz Gonzaga generaliza no terceiro e último verso do segundo paragrafo, dando uma ideia de que a seca atinge todo o nordeste, afirmando que oito estados nordestinos sofrem com a estiagem, vale ressaltar que nesse momento apenas oito estados dos nove atuais, ou seja, para Luiz Gonzaga todos os estados os estados do nordeste estão em seca.

Todos os entrevistados ao ouvirem “Vozes da Seca” afirmaram que a letra passa a ideia de uma seca arrasadora em toda a região do nordeste. A entrevistada Clarice Targino diz “sempre morei aqui (Rio Tinto) e nunca sofri com seca”. Dona Clarice mora no litoral paraibano, lugar que não há seca de acordo com ela. Ela continua “acho que a canção não representa o nordeste como um todo”. Vimos que a seca está dentro do “Poligano da Seca”.

Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage  
 Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage  
 Livre assim nós da ismola, que no fim  
 dessaestiage

Lhe pagamointé os juru sem gastar nossa corage

Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão  
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra  
nação!  
Nunca mais nós pensa seca, vai dá tudo aqui  
Como vê nosso distino mercê tem nas vossa  
mãos

Lembramos da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, com objetivo aparentemente de reduzir a seca nordestina através de políticas públicas de desenvolvimento.

Para o entrevistado Felipe Castro, a imagem que ele tinha antes de vim a Paraíba, ela de uma região totalmente pobre e de seca, devido ao grande insistência da mídia sulista em taxar o nordeste como a região da seca. Para ele o que uma das coisas que chama atenção na letra de “Vozes da Seca” é o modo que são usadas as palavras, diz ele “ é engraçado como Luiz Gonzaga fala, *ismola e doutô*

É notável uma diferença importante entre “súplica cearense” e “vozes da seca”, na primeira canção vemos o apelo a Deus; e na segunda o pedido de ajuda ao poder público, dicotomia do poder divino e o poder público.

### 3.3 OS NORDESTINOS EM “ASA BRANCA”

A canção emblemática de sua carreira foi *composta* em 1947, tendo como parceira na composição o cearense Humberto Teixeira. Tornou-se a principal canção de Luiz Gonzaga, considerada por muitos com um hino nordestino.

Que braseiro, que fornaia  
Nem um pé de "prantação"  
Por farta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão  
Inté mesmo a asa branca  
(segunda estrofe)

Destacamos a ave asa branca – a qual dá nome à canção- obrigada a imigrar para o sul devido à forte seca. Como diz a entrevistada Zélia Maria “(...) diz que até asa branca foi embora”. O terceiro verso da segunda estrofe afirma que por falta d'água o rebanho estava morrendo, despertando para um questionamento, é ele: a falta d'água é culpa da chuva que cai ou do descaso do Poder público.

Hoje longe muitas légua  
Numa triste solidão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim vortar pro meu sertão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim vortar pro meu sertão  
(quarta estrofe)

Parece-nos que a própria canção responde ao no questionamento, de acordo com a quarta estrofe o motivo é a falta d'água, mas será que é mesmo, fica o questionamento.

Quando "oiei" a terra ardendo  
Qual fogueira de São João  
Eu "preguntei" a Deus do céu, uai  
Por que tamanha judiação

Para a canção a seca era tão grande e forte que ela é compara a uma fogueira na primeira estrofe, e mais uma vez assim como nas outras canções aparece o questionamento a Deus por que de tanto sofrimento.

Em linhas gerais canção mostra a imigração do nordestino para o sul, devido a forte seca, como mostra a entrevista Marcelo Araújo “ela mostra o desgosto dele pelo fato da grande seca naquele local, se entristecendo, saindo de sua terra para busca melhores condições de vida”

### 3.4 O HOMEM NORDESTINO EM “CAVALEIRO ALADO”

Cavaleiro Alado foi composta por Alcymar Monteiro e João Paulo Jr.

Ê boi, ê boi (10x)  
Um cavaleiro que corre no meio da noite  
No meio da chuva, corisco e trovão  
No brilho do raio, do cavalo baio na escuridão  
Voando, aboiando cavalo alado  
Levando seu gado pro reino encantado  
Já vive cansado, marcado, serrado no seu  
coração

Notamos inicialmente as rimas da canção, como trovão, escuridão e coração. Existem dois elementos destacados na canção, são eles o boi e o vaqueiro, este chamado de cavaleiro. Para Marcelo Araujo a canção “fala do cavaleiro (vaqueiro) destemido que sem rumo procura e defende a boiada”.

Ressaltamos a estrofe “levando seu gado para o reino encantado”, que lugar seria esse, não podemos dizer com precisão, mas uma coisa é certa, não o espaço da seca de Luiz Gonzaga. Provavelmente ele está se referindo a uma região do litoral, onde a seca não tem tantos efeitos.

Esta canção foi considerada pelos entrevistados como uma música bonita e Clarice Targino “fala do vaqueiro. Musica bonita” ; Marcelo Araújo e “cavaleiro alado, muita linda, fala do cavaleiro.

Para Alcymar Monteiro o cavaleiro (vaqueiro) é o nordestino idealizado, beirando à perfeição, a canção é executada em ritmo alegre.No imaginário popular o cavaleiro alado é um cavaleiro imortal.

### 3.5 O RITMO NORDESTINO EM “FESTRILHA”

A canção, composta por Alcymar, mostra o ritmo nordestino, o forró, as quadrilhas, as festas típicas. Felipe Castro entende que A “festrilhas” fala sobre as festas e quadrilhas da região.

Na minha quadrilha só tem gente que brilha  
 Só tem gente que brilha na minha quadrilha  
 "Simbora" moçada  
 segura a pisada  
 só na sanfonada  
 só na zabumbada

Os termos *sanfonada* e *zabumbada* representa o forró (que para Alcymar é o ritmo que marca o Brasil), referindo-se a sanfona e ao zabumba, instrumentos típicos do forró,

Tem morena, tem loira  
 Lindas de laço de fita  
 O São João do Nordeste  
 é uma festa bonita  
 Tem amor, tem fogueira e paixão  
 Tem licor, tem baião, tem forró  
 Quem sempre foi o maior com certeza  
 É também o melhor

Exalta o São João, principal festa junina, afirmando ser a melhor festa do Brasil (subentendido). A canção lembra as festas juninas de Campina Grande, na Paraíba, e Caruaru em Pernambuco.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos neste trabalho a produção de discursos em canções de Luiz Gonzaga e Alcymar Monteiro, ambos nordestinos, que cantam a região nordeste, de modos diferentes e em tempos diferentes. Percebemos que as canções de Gonzaga são mais conhecidas que a de Alcymar Monteiro. Concluímos que os entrevistados entenderam que os discursos entre os dois compositores são diferentes, perceberam que Luiz Gonzaga canta o sofrimento de um povo e que Alcymar destaca a alegria. Dividiram-se em relação ao qual melhor representa o Nordeste (ver entrevistas completas).

Os dois compositores viveram em momentos diferentes, locais sociais diferentes, cantando o “mesmo” objeto, cercados por interesses poderosos que controlam a divulgação de tais canções recheadas de discursos regionalistas, determinando a qual será propagada com ênfase tornando como quase uma verdade absoluta o discurso predileto. E neste caso a seca do nordeste mostrada por Gonzaga. Claro que não negamos a flagelada seca que tanto maltrata a nossa região, mas chamamos atenção de como ela é tratada. Onde muitas vezes se exclui o descaso do poder público e da mídia com interesses de mostrar apenas a miséria, e renegando o lado bom e principalmente as soluções para tal.

Finalizando, os discursos são feitos por interesses de seus compositores, e confirmados ou invalidados de acordos com interesse da mídia e dos poder público e político dominante. Neste trabalho mostramos apenas que são confeccionados vários discursos sobre o mesmo tema. Terminamos este trabalho, desafiando aos futuros concluintes e a mim mesmo a estudar os legitimadores dos discursos e seus interesses.

## **ENTREVISTAS**

Usamos entrevista com o fim de dá um maior embasamento ao nosso trabalho. Foram realizadas cinco entrevistas, entre os dias 17 de setembro e 25 de novembro de 2012. Todos eles residentes nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto, no litoral norte da Paraíba. Destacando que um dos entrevistados, o senhor Felipe Casto é da cidade de São Paulo e visitou os estados do Rio Grande do Norte e atualmente está em Mamanguape a 3 meses como missionário da Igreja de Jesus Cristo, onde seu relato é feito como um paulista. Trabalhamos com uma foto de cada um dos compositores e com as letras das canções

## ENTREVISTA 1

Entrevistada: Clarice Targino da Silva      Idade: 76 anos  
Endereço: Rua Napoleão Laureano 1019, centro, Rio tinto.  
Data da entrevista: 17 de setembro de 2012

**Pesquisador:** Para a senhora qual foi a maior dificuldade na sua infância, a fome ou a seca?

**Clarice:** foi a fome, passei muita fome.

**Pesquisador:** a senhora não acha que a seca foi ou é a principal dificuldade? Já que a fome é consequência da seca.

**Clarice:** acho que não, sempre morei aqui (Rio Tinto) e nunca teve seca forte. Meu pai era agricultor, a família era grande, só de irmãos eram oito. A fome não era por causa da seca, era por que aquilo que era produzido era pouco para a família. Comecei a trabalhar aos catorze anos na fábrica, foi quando a vida começou a melhorar.

**Pesquisador:** a senhora acha que a seca atingiu toda a região nordeste? E hoje com é essa situação?

**Clarice:** acredito que não, aqui no litoral não há seca, mas no interior, no sertão, há sim.

**Pesquisador:** a senhora sabe de quem é essa foto (foto 1- Luiz Gonzaga)?

**Clarice:** sei sim, é dele, Luiz Gonzaga.

**Pesquisador:** e essa outra foto (foto 2 - Alcimar Monteiro)?

**Clarice:** essa... também sei...é Alcimar Monteiro?!!!

**Pesquisador:** (mostrando a música Asa branca) que elementos podemos destacar nessa canção?

**Clarice:** ela fala da seca, da asa branca que é um pássaro, do povo saindo daqui pra outros lugares.

**Pesquisador:** (mostrando a musica Suplica Cearense) o que a senhora entende nessa música.

**Clarice:** tá falando do apego dele a Deus, pedindo perdão e ajuda a Deus pra enfrentar a seca.

**Pesquisador:** (mostrando a música Cavaleiro Alado) e essa?

**Clarice:** fala do vaqueiro, não é. Musica bonita.

**Pesquisador:** (musica Festrilhas) essa outra?

**Clarice:** das festas, quadrilhas, a tradição.

**Pesquisador:** faça uma pequena comparação das canções de Luiz Gonzaga e de Alcimar Monteiro.

**Clarice:** Luiz Gonzaga mostra o lado ruim da nossa região, Monteiro o lado bom.

**Pesquisador:** se fossemos escolher um dos dois pra representar o Nordeste escolheríamos qual? E por quê?

**Clarice:** Luiz Gonzaga, porque ele é mais famoso.

## ENTREVISTA 2

Nome: Zélia Maria da Silva      Idade: 65

Endereço: Rua São Jose 1835, Rio Tinto, Paraíba

Data da entrevista: 30 de outubro de 2012

**Pesquisador:** Para a senhora qual foi a maior dificuldade na sua infância, a fome ou a seca?

**Zélia:** *que eume lembre nunca houve aqui na minha cidade uma seca, sempre teve muita água, o problema era que na maioria das casas não tinha água encanada, mas tinha muita agua nos rios, açudes e riachos. Não passei fome pois conseguíamos o que comer na plantação e no trabalho.*

**Pesquisador:** a senhora acha que a seca atingiu toda a região nordeste?

**Zélia:** não, como falei aqui mesmo não houve seca, só no sertão mesmo

**Pesquisador:** sabe de quem é essa foto 1 (Luiz Gonzaga)

**Zélia:** e é de Luiz Gonzaga

**Pesquisador:** e de quem é essa foto 2 (Alcymar Monteiro)

**Zélia:** conheço-o, é Alcymar Monteiro.

**Pesquisador:** o que a senhora ver nas fotos

**Zélia:** para mim são os melhores forrozeiros que já tivemos. “Na foto 1” mostra o sertão, vejo o cardeiro (espécie de cacto) e sol representando o sertão, e as roupas e chapéu de couro lembrando o cangaço, sua sanfona . “Na foto 2”, sempre gostei de Alcymar, o modo dele se vestir passa uma sensação de paz e de pureza com essa roupa branca.

**Pesquisado:** conhece essa música (asa branca)

**Zélia:** sim. É asa branca (ela conheceu só pela melodia) até cantou o trecho.

**Pesquisador:** o que a senhora entende dessa musica.

**Zélia:** Fala da seca que era grande, diz que até asa branca foi embora, e ele também foi embora deixando o seu amor, prometendo voltar quando a chover.

**Pesquisador:** e o que a senhora entende dessa canção?

**Zélia:** também conheço essa canção, a meu ver fala do povo que ora para deus pedindo ajuda a ele, pedindo chuva e desculpas por não saber orar.

**Pesquisador:** fale alguma coisa dessa música (cavaleiro alado)

**Zélia:** é muito linda essa música (ouvindo e cantando), ela falacavaleiro que o vaqueiro, fala do boi, cavaleiro alado é o vaqueiro que sem rumo vai levando seu gado, ta representando o nordeste.

**Pesquisador:** Qual dos dois artistas a senhora escolheria para representar a nossa região?

**Zelia:** Alcymar , ele fala melhor da nossa região, música mais alegre.

## ENTREVISTA 3

Nome: Luciann Gustavo Cícero Cavalcante de Athayde Idade:23  
 Endereço: Rua Senador Cunha de Vasconcelos, 363, Mamanguape- paraíba  
 Data da entrevista: 20 de novembro de 2012

**Pesquisador:** Para o senhor qual foi a maior dificuldade na sua infância, a fome ou a seca?

**Luciann:** Até hoje é a seca, passamos dias sem água.

**pesquisador.** a Seca atinge toda a região nordeste?

**Luciann:** Não, nas regiões litorâneas não tem tanta seca, e também regiões com a de Petrolina, situada no sertão de Pernambuco. Mas acho que na maior parte da região existe seca

**Pesquisador:** o senhor sabe de quem é essa foto (foto 1- Luiz Gonzaga)?

**Luciann:** SIM, é o rei do Baião, Luiz Gonzaga

**Pesquisador:** Que características são apresentadas na foto?

**Luciann:** veja a seca no fundo da figura e alegria do povo nordestino, mesclados no seu vestuário e de sua sanfona..

**Pesquisador:** e essa foto (foto 2. Alcimar Monteiro).

**Luciann:** Pela imagem, não conheço.

**Pesquisador:** já ouviu falar de Alcimar Monteiro?

**Luciann:** já sim

**Pesquisador:** Quem é o cantor? (música1. Asa branca) que elementos podemos destacar nessa canção?

**Luciann:** Luiz Gonzaga; representa a seca no sertão, o êxodo rural, as festas populares, é fé em Deus.

**Pesquisador:** Quem é o cantor? (música 2.Súplica Cearense) que elementos podemos destacar nessa canção?

**Luciann:** Luiz Gonzaga. A fé e a humildade de um povo suplicando por chuva

**Pesquisador:** Quem é o cantor? Fale um pouco da canção (cavaleiro alado)

**Luciann:** Alcimar Monteiro, exalta a figura do vaqueiro, não falando da seca.

**Pesquisador :** Faça uma comparação entre Gonzaga e Monteiro.

**Luciann:** Gonzaga trata da atitude corajosa de um povo que vive a mercê do fator climático da seca, sendo identificado como ícone regional por estes. Já Monteiro, a meu ver, expõe um nordeste idealizado e parcial onde existe nenhum ou pouco impacto social ou climático, destacando o elemento do vaqueiro como símbolo nordestino.

**Pesquisador:** Qual representa melhor a região?

**Luciann:** Por apresentar uma realidade da identidade de um povo, Luiz Gonzaga.

## ENTREVISTA 4

Nome: Felipe Castro

Endereço: Rua Senador Cunha Vasconcelos 363, Mamanguape -Paraíba

Data da entrevista: 25 de novembro de 20

**Pesquisador:** conhece essas fotos (1 e 2)

**Felipe:** conheço a de número 1 que é Luiz Gonzaga, eu não conheço essa outra.

**Observação:** foram mostradas as músicas trabalhadas antes das demais perguntas.

**Pesquisador:** com as pessoas de São Paulo veem os nordestinos que estão lá.

**Felipe:** muito preconceito, há uma ideia que os nordestinos que chegam em São Paulo atrapalham vidas das pessoas lá, tomando vagas de emprego por exemplo.

**Pesquisador:** Como você via o nordeste antes de vim para cá?

**Felipe:** do modo que a televisão mostra, uma região totalmente de seca, de miséria.

**Pesquisador:** e agora ( depois de um ano e sete meses no nordeste)?

**Felipe:** que não há seca pelo menos aqui no litoral.

**Pesquisador:** o que você entendeu da canção “Asa Branca”?

**Felipe:** ele fala da seca da região, da imigração por causa do sofrimento.

**Pesquisador:** e Súplica cearense e Vozes da seca?

**Felipe:** conheço súplica cearense através do O Rappa, música mostra a relação do indivíduo a Deus, mas, a meu ver, o descaso vem do Poder Público e não do Divino. Em Vozes da seca está a realidade vivida pela maior parte do nordeste naquele momento, mas não retrata a região como um todo, acredito que existam lugares sem seca.

**Pesquisador:** e o que você ver nas canções de Alcymar Monteiro?

**Felipe:** não conhecia as músicas dele, mas gostei muita delas ouvindo agora. A “festrilhas” fala sobre as festas e quadrinhas da região, e “cavaleiro alado” desta o vaqueiro o gado, não mostras a seca essa canções.

**Pesquisador: qual representa melhor o nordeste, Luiz Gonzaga ou Alcymar Monteiro?**

**Felipe:** os dois cantam muito bem, um destaca a seca o outro o lado bonito da região. Mas acredito que Luiz Gonzaga representa melhor pelo fato dele ser mais conhecido do que Alcymar



**ANEXO I****SÚPLICA CEARENSE**

Oh! Deus, perdoe este pobre coitado  
Que de joelhos rezou um bocado  
Pedindo pra chuva cair sem parar  
Oh! Deus, será que o senhor se zangou  
E só por isso o sol arretirou  
Fazendo cair toda a chuva que há  
Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho  
Pedir pra chover, mas chover de mansinho  
Pra ver se nascia uma planta no chão  
Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe,  
Eu acho que a culpa foi  
Desse pobre que nem sabe fazer oração  
Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água  
E ter-lhe pedido cheinho de mágoa  
Pro sol inclemente se arretirar  
Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno  
Desculpe eu pedir para acabar com o inferno  
Que sempre queimou o meu Ceará

**ANEXO II****VOZES DA SECA**

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão  
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão  
Mas doutô uma esmola a um homem qui é são  
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão

É por isso que pidimo proteção a vosmicê  
Home purnóisescuído para as rédias do pudê  
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê  
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê

Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage  
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage  
Livre assim nós da ismola, que no fim dessaestiage  
Lhe pagamointé os juru sem gastar nossa corage

Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão  
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!  
Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão  
Como vê nosso distino mercê tem nas vossa mãos

**ANEXO III****ASA BRANCA**

Quando "oiêi" a terra ardendo  
Qual fogueira de São João  
Eu "preguntei" a Deus do céu, uai  
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia  
Nem um pé de "prantação"  
Por farta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão  
Inté mesmo a asa branca

Bateu asas do sertão  
"Intonce" eu disse adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração  
"Intonce" eu disse adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração

Hoje longe muitas légua  
Numa triste solidão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim vortar pro meu sertão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim vortar pro meu sertão

Quando o verde dos teus "óio"  
Se "espaier" na "prantação"  
Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu "vortarei", viu  
Meu coração  
Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu "vortarei", viu  
Meu coração

**ANEXO IV****CAVALEIRO ALADO**

Ê boi, ê boi (10x)

Um cavaleiro que corre no meio da noite

No meio da chuva, corisco e trovão

No brilho do raio, do cavalo baio na escuridão

Voando, aboiando cavalo alado

Levando seu gado pro reino encantado

Já vive cansado, marcado, serrado no seu coração

Ê boi, ê boi (10x)

Rugindo seu gado num belo mourão

Num grito de sorte, aboio de morte

Explode a boiada do seu coração

A porteira se abriu, o cavaleiro partiu

E na boca da noite...

Uma estrela surgiu

Ê boi, ê boi (10x)

**ANEXO V**FESTRILHA

Na minha quadrilha só tem gente que brilha  
Só tem gente que brilha na minha quadrilha  
"Simbora" moçada  
segura a pisada  
só na sanfonada  
só na zabumbada  
Tem quadrilha, tem festa lá no arraiá  
Nós vamos dançar vamos botar pra quebrar  
Requebra pra lá  
Requebra pra cá  
Nós vamos ganhar em primeiro lugar  
Tem morena, tem loira  
Lindas de laço de fita  
O São João do Nordeste  
é uma festa bonita  
Tem amor, tem fogueira e paixão  
Tem licor, tem baião, tem forró  
Quem sempre foi o maior com certeza  
É também o melhor  
Na minha quadrilha só tem gente que brilha  
Só tem gente que brilha na minha quadrilha

## ANEXO VI - FOTOS

Luiz Gonzaga (foto 1)



(<http://100porcentoaprendizagem.blogspot.com.br/2012/05/trabalhando-os-100-anos-de-luiz-gonzaga.html> )

Alcymar Monteiro (foto 2)



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª edição, São Paulo. Cortez editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras de lugar**. São Paulo. Cortez, 2007, pp. 7-15.

BARROS, José D' Assunção. **Revista de História Regional**. São Paulo. Verão, 2005, pp 95 – 129.

BENNETT, Roy. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

BLOCH, Marc. **Introdução a História**. 6ª edição, São Paulo. Publicações Europa-América.

BURK, Peter. **O que é História Cultural**. São Paulo. Jorge Zahar.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro. 1982.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo Arte**. São Paulo: Ática, 2000.

COTRIM, Gilberto. **História Global, Brasil e Geral**. Volume único. São Paulo. Saraiva, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as Coisas**. São Paulo. Edições 70-brasil, 1991.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

HOLANDA, Fabíola, MEIHY, José Carlos Sebe B.. **História Oral – como fazer, como pensar**. São Paulo. Editora Contexto. 2011

LARAIA, Roque de Barros. **CULTURA: um conceito antropológico**. 22.ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2008. Rio de Janeiro

NAPOLITANO, Marcos. **História & música – história cultural da música popular**. Belo Horizonte. Autêntica, 2002.

OLIVEIRA, Gildson. **Luiz gonzaga - o matuto que conquistou o mundo**. São Paulo. Letra Viva. 2006

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo. Ática, 1993, p. 144.

RODRIGUES, André Figueiredo. **Como elaborar citações e notas de rodapé**. 5ª edição, São Paulo. Humanitas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar referência bibliográfica**. 7ª edição, São Paulo. Humanitas, 2008

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A Origem da Desigualdade entre os Homens**. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal-7. 2ª edição, São Paulo. Editora Escala, 2005.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O Regionalismo Nordestino: existência e consciência da desigualdade regional**. São Paulo. Editora moderna, 1984

VICENTINO, Cláudio. **História integrada: da pré-história à Idade Média, Brasil Geral**. 5ª série. 3ª.ed. São Paulo. Scipione, 1998. Pags. 7-8

## OUTRAS FONTES

Nova Delimitação do Semi-árido brasileiro, pág. 34 – Ministério da Integração Nacional, 2005.

## SITES

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura>

<http://redeacqua.com.br/2011/03/poligono-das-secas/>

[http:// pt. Wikipedia.org/wiki/ Cultura](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcymar\\_Monteiro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcymar_Monteiro)